

## A LINGÜÍSTICA APLICADA E OS DESAFIOS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

### META

Evidenciar o papel da Lingüística Aplicada frente aos desafios de uma pedagogia crítica para o novo século.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

definir as características de uma pedagogia crítica de ensino;

identificar quais os desafios que a Lingüística Aplicada destaca para a emergência de uma pedagogia crítica no novo século;

reconhecer o papel que a Lingüística Aplicada tem para o alvorecer de uma pedagogia crítica.

### PRÉ-REQUISITO

Antes do início desta nossa segunda aula, sugerimos a leitura do excerto de Mollica (2004), na seção intitulada “*Momento de Reflexão*”. Certamente você já vai começar a adiantar muito do que comentaremos no corpo da aula.



(Fonte: <http://rleite.files.wordpress.com>).

## INTRODUÇÃO

Oi! Estamos aqui novamente para conversar um pouco mais sobre a Linguística Aplicada (LA). Na aula passada, vimos os principais momentos para a definição dessa área do conhecimento em linguagem, agora, a proposta é discutirmos um pouco sobre os desafios que a LA impõe para o profissional da área de Letras nos dias de hoje.

Como você já deve estar se adiantando na reflexão, é válido dizer que se dedicar a essa discussão traz à tona o diálogo muitas vezes inoperante, e por que não dizer inexistente, entre a pesquisa acadêmica na área de linguagem e o ensino a ser vivenciado nas diversas instâncias educativas, sobretudo na Educação Básica. Sem dúvida, uma das grandes queixas dos licenciandos em Letras é a dissociação entre o que eles aprendem nos bancos universitários e aquilo que irão vivenciar nas salas de aula dos Ensinos Fundamental e Médio. Já imaginou por que isso acontece? Bom,

razões são muitas, mas a gente pode pensar aqui, pelo menos, na ineficácia ou, de forma mais contundente, na falta de diálogo entre os diferentes níveis de ensino, como uma das grandes responsáveis pela prática (qualitativa e quantitativamente falando) dos profissionais da área.

Felizmente, assiste-se, no cenário dos programas de pós-graduação do país, a uma investida crescente na pesquisa em linguagem, que tem se mostrado, cada vez com mais notoriedade, preocupada em expor seus resultados aos alunos de graduação, não só para que tenham acesso ao que ora está sendo desenvolvido, mas também para colocar em evidência sua importância para uma pedagogia crítica do ensino de línguas (materna e estrangeira). Por falar nisso, quem se lembra aqui do LAEL, lá da PUC-SP, cujo trabalho comenta-

mos na aula passada? Eu, você, ele, todos (rs), não é? Muito bem, tanto o LAEL como outros programas de pós-graduação de importante reconhecimento no país têm se preocupado em fazer pesquisas em LA.

Agora que você já começou a refletir sobre o assunto, iniciamos uma discussão sobre o perfil do licenciado em Letras nos dias de hoje, a partir da consideração das contribuições da LA para o ensino de línguas, com vistas à superação dos desafios impostos neste século.



(Fonte: <http://images.google.com.br>).

## A LINGÜÍSTICA E O PROFISSIONAL DE LETRAS: INTERFACES E CONTRIBUIÇÕES

Que tal começarmos a pensar que o conhecimento em linguagem é mais do que fundamental para qualquer profissional? Analisou? Concordou com a afirmação? Mais uma outra pergunta: será mesmo esse conhecimento tão necessário, mesmo aos professores que nem são da área de Letras? Reprisando nosso *Momento de Reflexão*, Mollica afirma que “em qualquer área em que atue, é imprescindível que o professor possua bases sólidas no que diz respeito à linguagem”. (2004, p. 18).

Sem sombra de dúvidas, as pesquisas de natureza lingüística têm apontado aspectos inerentes à fala e à escrita imensamente importantes a diferentes áreas que se preocupam com a linguagem. A autora lembra que aspectos ligados ao processamento oral espontâneo das línguas (como as pausas, as hesitações, os gaguejos, as repetições, as estruturas interrompidas...), muitas vezes imperceptíveis aos não muito afeitos às teorias lingüísticas, são entendidos pelos lingüistas não apenas como “naturais e exclusivos à modalidade fala das línguas, como também motivados por razões vinculadas ao grau de funcionalidade que possam imprimir na comunicação” (MOLLICA, 2004, p. 23). Para ilustrar, a referida estudiosa assinala que nem sempre hesitação e gaguejo representam distúrbios lingüísticos ou pouca fluência, antes podem ter um propósito bem definido, trazendo uma maior comunicabilidade ao discurso proferido.

Igualmente, do ponto de vista da escrita, é incontestável a contribuição dos estudos da Lingüística, tanto teórica quando Aplicada, sobretudo no que diz respeito às pesquisas em torno do processo de alfabetização/letramento, com as devidas implicações cognitivas que lhes são subjacentes. Ainda segundo Mollica (2004), o leitor/escritor competente deve ser capaz de apropriar-se dos mecanismos de coesão e coerência textuais para alcançar o significado e intencionalidade do texto. Da mesma forma, algumas trocas de letras efetuadas pelos alunos podem revelar (e quase sempre revelam!) o contato insuficiente que estes mantêm com a escrita ou, ainda, despertar reflexões sobre o estágio de desenvolvimento em que se encontram.

Seria possível apontarmos, aqui, ‘como’ a LA tem servido à formação dos profissionais em Educação, mas, como o nosso propósito não é adentrar nesses detalhes, convém, no momento, que realcemos o seguinte questionamento: *Que desafios são impostos ao profissional da área de Letras nos dias de hoje e como o conhecimento lingüístico pode contribuir para*



(Fonte: <http://www.mourafilho.hpg.ig.com.br>).

o alcance de um ensino mais dinâmico, com vistas à superação desses desafios?

## O PROFISSIONAL DE LETRAS: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Assim como a LA trava diálogos com outros saberes, o profissional de Letras “congrega uma fauna de perspectivas, desde as diversas literaturas, passando pela língua portuguesa, as línguas estrangeiras, a lingüística e uma multidão de ramificações, sem esquecer a formação política, social e cultural”. (MARCUSCHI, 2004, p. 11).

Diante dessa característica, Marcuschi (2004), ao tentar definir a expressão “intelectual de Letras”, assinala ser inverdade que o estudante/profissional de Letras venha a ser generalista, dada a atual exigência crescente de especialização. Em síntese, para o autor, a formação intelectual do estudante de Letras, antes de ser uma questão de ordem conteudística, é uma questão ligada à criticidade do profissional, de sua sensibilidade para a autonomia e para a reflexão. A propósito, eis as suas palavras:

De forma explícita, afirmo que o intelectual não se caracteriza pela posse de um grande cabedal de conhecimentos, sejam eles quais forem, ou pelo domínio de muito conteúdo cultural, histórico e temático em sua área, mas por sua *capacidade de ação autônoma, crítica e ética* com o saber de que dispõe a partir da vivência que construiu em sociedade. A formação intelectual do aluno de Letras não é edição de uma enciclopédia monumental que começa a envelhecer no dia seguinte à sua colação de grau e sim a formação de um cidadão capaz de agir na construção do conhecimento para atuar junto à sociedade. *A formação intelectual é a formação para a competência e não para a simples competição no mercado.* Ser competente significa tanto estar apto do ponto de vista dos conhecimentos necessários como estar maduro do ponto de vista da ação sócio-política. (MARCUSCHI, 2004, p. 11, grifos do autor)

Essa competência de que trata o estudioso confere ao profissional da área de Letras a responsabilidade de superar dualismo, de forma a contribuir para o panorama civilizatório que se espera do século XXI. Já pensou como são muitos?

Ora, como dissemos antes, a competência do profissional de Letras implica divisões e especializações as mais diversas, como exemplo, que tal pensar na existência de lingüistas e teóricos da literatura, com suas respectivas áreas de interesse?!

Bom, em se tratando, particularmente, da formação em LA, parece-nos importante considerar como esta área do saber tem contribuído para o desabrochar de novas perspectivas para o ensino de línguas materna e estrangeira, para o alvorecer de uma pedagogia crítica, por assim dizer. Daí a razão de a LA ser vista por muitos estudiosos como indispensável à formação do profissional na área de Letras. Mollica (2004, p.25) afirma que

Em todo o processo de formação básica e continuada de professor de línguas, não se concebe mais a dissociação entre pesquisa e ensino. Há que se pensar num curso de Letras dinâmico, durante o qual seja estimulado nos alunos (também futuros professores) a curiosidade permanente de buscar conhecimentos novos, de pensar modos pedagógicos, de prestar atenção a novas tecnologias. Cabe alertar, porém, que os alicerces da formação básica são imprescindíveis e a inovação não pode substituir conhecimento consolidado, deve apresentar-se e estabelecer-se como parceira.

A propósito, o conjunto das teorias lingüísticas tem gerado uma constante renovação nas práticas pedagógicas, muitas vezes sob o aval das próprias políticas de ensino, via documentos ou programas do Governo. Como exemplo, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna, 1998), os PCN+ (2002) e as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio - OCNEM (2004). Sobre esses documentos, Oliveira (2005) destaca o fato de que, em geral, apresentam uma linguagem muito hermética, uma estrutura textual problemática e, muitas vezes, conceitos mesclados de linhas teóricas distintas. O que, para a referida pesquisadora, dificulta a leitura dos textos pelos próprios professores, que são tidos como leitores privilegiados. Para efeito de ilustração, eis as suas palavras no tocante à temática:

O interessante de se observar é que o discurso oficial deveria servir de parâmetro para definir e nortear a elaboração do novo currículo, no entanto, se constitui num texto abrangente, confuso, sem esclarecer, exatamente, o que deve ser ensinado e quando deve ser ensinado. A mistura de teorias lingüísticas presentes nesses documentos e, por sua vez, empregada nos conceitos, como por exemplo, os de linguagem e língua veiculados pelos PCNEM, que trazem duas perspectivas teóricas: estruturalismo e sócio-interacionismo, dificulta a definição de uma proposta pedagógica por parte dos professores que, sem saber exatamente como acompanhar essa proposta, acabam, no geral, ensinando, em sala de aula, a partir do currículo consolidado. (OLIVEIRA, 2005, pp.129-130)

Seja como for, na atualidade, com o avanço das pesquisas de natureza lingüística, reconhece-se a necessidade de renovação dos métodos de ensino de língua que se sacralizaram ao longo dos anos. É preciso considerar, também, que alguns profissionais sentem necessidade de mudança, têm conhecimento das teorias lingüísticas em ebulição, mas continuam com suas práticas anacrônicas.

Na aula passada, ainda que não tenha sido seu foco, foi dito que o profissional da área de Letras não pode perder de vista questões ligadas à discussão sobre o processo de ensino-aprendizagem de línguas (materna e estrangeira) e, para tal, deve lembrar-se das contribuições advindas de outras áreas do saber. Deve, principalmente, entender os eixos sobre os quais se alicerça hoje o ensino de língua e, partir daí, validar conteúdos e posturas metodológicas alternativas na formação de sujeitos leitores, escritores, usuários da língua, por assim dizer.

Na realidade, os estudos em LA têm insistido na idéia de que é preciso selecionar com cuidado os conteúdos lingüísticos a serem trabalhados na prática de sala de aula. Defende-se, principalmente, uma comunhão equilibrada entre as modalidades oral e escrita da língua. Melhor dizendo, enfatiza-se a importância de se considerar oralidade e letramento como práticas sociais, de se promover um estudo crítico sobre a linguagem. Bom, mas você já pensou no que seria esse estudo crítico? Não?! Chegou a hora.

### PERSPECTIVAS PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA

Para Fairclough (1992), estudar criticamente a linguagem pode revelar como esta mantém ou muda as relações de poder na sociedade. Observando nessa direção, o lingüista pode auxiliar o ser humano a tomar consciência do modo como a linguagem contribui para o domínio social.

Os estudos lingüísticos desenvolvidos na atualidade, além de operarem com conhecimentos de outras ciências, formularam seus modelos teóricos e passaram a focalizar a linguagem no âmbito dos procedimentos de interpretação e produção lingüística que determinam a interação oral e escrita.

Como vimos na aula anterior, nos últimos anos, passou-se a priorizar questões como:

- a) a noção de conscientização lingüística;
- b) o “modo” de aprendizagem de línguas;
- c) a aprendizagem via interações dialógicas;
- d) os padrões de interação professor-aluno;
- e) a aprendizagem centrada no contexto e o professor como pesquisador.





É possível afirmarmos, inclusive, que o termo “crítica” assume uma importância crucial para o profissional de Letras. Enfatiza-se a idéia de uma conscientização “crítica”, o proceder de uma análise “crítica” do discurso, de uma avaliação “crítica”, de uma “pedagogia crítica”, por assim dizer. É nesse contexto de criticidade pedagógica que se inscrevem os direcionamentos pedagógicos necessários ao profissional do século XXI.

Mas, o que vem a ser uma “pedagogia crítica”? Quais as perspectivas que dela emergem? O que se espera do professor neste novo século? E aí? Você é capaz de opinar?

Quando se fala em “pedagogia crítica”, investe-se na perspectiva de um ensino crítico, que vise transformar a sala de aula num microcosmo de um mundo cultural e social maior. Um microcosmo que, além de reflexão, consiga contribuir para mudar o mundo.

Nesse sentido, instaura-se uma perspectiva que intima o professor a buscar com equilíbrio a valorização do conhecimento que o aluno já traz para a sala de aula e o desafio de lhe apresentar o “novo”. Urge, pois, prestar atenção nos alunos mais uma vez, percebendo suas necessidades e, principalmente, dando sentido às suas histórias. O ponto de equilíbrio, então, não representa o escanteamento de uma proposta; antes disso, é preciso dela aproveitar apenas o lado bom e deixar de lado o que não surte efeito positivo.

É claro que os desafios de se trabalhar os problemas de linguagem são muitos. Afinal, em sendo considerada dinâmica e não linear, a linguagem é também complexa, envolvendo problemas atrelados a níveis distintos de análise.

Para dar conta dessa complexidade, deve haver uma instrumentalização maior. Tal instrumentalização não se resume apenas à participação dos professores em cursos de capacitação oferecidos pelas instituições de ensino regularmente, pois, na maioria das vezes, os docentes que participam desses encontros não alteram suas práticas em sala de aula.

Alguns autores, a exemplo de Gallimore e Tharp (1996), validando o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP<sup>1</sup> tratado por Vigotsky, afirmam que o ensino deve dar assistência ao desempenho do aluno, a fim de que avance no domínio e aprimoramento de sucessivas habilidades. Para eles, os professores ainda não desenvolveram a capacidade de assistir os alunos, bem como ainda não têm consciência do seu próprio desempenho. A escola continua sendo, então, o lugar que se limita a dirigir e avaliar via memorização.

Outras questões poderiam, evidentemente, ter sido ressaltadas, mas, as que foram aqui reportadas já evidenciam a idéia de que é preciso que o profissional de Letras desperte para a necessidade de pensar na melhor forma de contribuir para um ensino crítico, com a quantidade de “recomeços” que a realidade exigir.

## CONCLUSÃO

Considerando o que vimos mostrando, vale destacar a reafirmação do óbvio: o profissional de Letras precisa ser visto a partir dos interesses políticos e ideológicos que fundamentam seus discursos e valores, das relações sociais que legitimam seus programas conteudísticos. Talvez, dessa forma, observe as muitas alternativas metodológicas disponíveis e possa, dentre estas, selecionar o que é relevante para a realidade atual, que exige o perfil de um professor militante, como assinala Rajagopalan (2003), responsável por desenvolver uma perspectiva crítica do ensino. Eis o grande desafio que as pesquisas em linguagem deverão enfrentar no século XXI.

## RESUMO



Nesta aula, analisamos com mais detalhes o papel da LA na construção de um ensino de línguas (maternas ou estrangeiras) mais condizente com os dias atuais, a partir de uma reflexão de como as suas teorias em ebulição vêm contribuindo para o aperfeiçoamento do perfil do profissional da área de Letras do século XXI. Assim, instauramos uma discussão acerca dos limites de investigação das pesquisas em LA, destacando suas contribuições para o esclarecimento de algumas questões presentes no âmbito de sala de aula de língua materna e, ao mesmo tempo, as razões que justificam o conhecimento dessas questões pelo professor de língua materna. Nesse sentido, vimos os traços definidores do profissional de Letras, validando o diálogo que a área deve manter com outros campos disciplinares, mas, principalmente, enfocando que, mais do que de conhecimento conteudístico, o professor de língua precisa ter vontade de fazer a diferença, de mobilizar formas e atividades que desenvolvam e aprimorem habilidades lingüísticas para além das circunstâncias protocolares e acadêmicas que a escola impõe. Ou seja, nesta aula, destacamos tal forma de atuação profissional como necessária para o despertar de um ensino crítico, apto a lidar com as expectativas depositadas no século XXI, militante das forças de mudança da face do ensino de língua.



## MOMENTO DE REFLEXÃO

Vale assinalar que, em qualquer área em que atue, é imprescindível que o professor possua bases sólidas no que diz respeito à linguagem, devendo então instrumentalizar-se atual e adequadamente com relação às questões afetas à produção e percepção lingüísticas, à aquisição da linguagem e à aprendizagem da leitura e da escrita. Alguns conceitos lingüísticos são, pois, de suma importância e constituem a base para qualquer trabalho de um professor com relação à linguagem oral e escrita. (MOLLICA, 2004, p. 18)

Da leitura do excerto acima, você já deve ter começado a se questionar sobre quantas vezes somos, enquanto profissionais da área de Letras, forçados a dar conta de toda e qualquer discussão que envolva a linguagem, não é mesmo? Pelo que expõe Mollica (op. cit.), a responsabilidade não é só nossa, não é mesmo?

1. As palavras da autora nos guarda, de alguma forma, de uma responsabilidade solitária, mas o que devemos entender por nossa atuação?
2. Como a LA tem pensado, por exemplo, questões afetas à linguagem oral e escrita dos nossos alunos?

Certamente, você começará a pensar nessas respostas a partir da leitura atenta e cuidadosa desta nossa aula. Vamos tentar?! Boa sorte! Depois dessa leitura, retorne a esses questionamentos e verá como a nossa previsão foi confirmada, porque você irá respondê-las satisfatoriamente. E aí? Apostamos que você começou a pensar coisas do tipo: “é responsabilidade do profissional da área de letras desenvolver um ensino de línguas mais envolvente para os dias de hoje” ou “como eu vou melhorar as aulas de língua portuguesa?”. Isso já lhe passou pela cabeça, não é mesmo? Pois bem, pensemos nas nossas respostas.

1. É fato que você pode dizer a obviedade de que todos precisam de linguagem para se expressar e, nesse caso, cabe ao professor de qualquer área do conhecimento entender sutis propriedades ligadas aos fenômenos lingüísticos. Bom, estaria correto responder à questão por esse viés, sim. No entanto, é previsível que, ao tratar da questão ligada à nossa atuação, como profissionais responsáveis pelo desenvolvimento das habilidades lingüísticas do alunado, apontemos o fato de que compete a nós buscar formas de incentivo, a fim de que a aula de língua materna deixe de ser caracterizada como um repertório de mesmices e passe a ser sinônimo de liberdade, de vivacidade, de novos aprendizados, e não de um desprezo das capacidades lingüísticas que o aluno já traz para a sala de aula. Significa dizer que o questionamento explora não apenas o conjunto de conhecimento que o profissional precisa ter, mas, principalmente,

as habilidades metodológicas que ele precisa deixar desabrochar para tornar a aula mais vivaz.

2. Ora, da leitura da aula, você já deve ter inferido que tratar de linguagem oral e escrita em LA, assim como na Lingüística propriamente dita, é bem diferente dos métodos de ensino de língua materna que se sacralizaram ao longo dos anos. Nesse caso, você pode remeter, aqui, aos entendimentos que esse campo disciplinar que ora estamos estudando vem colaborando, destacando como alguns fenômenos, da oralidade ou da escrita, caracterizados tradicionalmente como “desvios”, podem ser relevantes no texto do aluno, ora revelando as suas intenções, ora revelando possíveis saídas para o entendimento de outros fenômenos (“erros”) igualmente importantes.

### ATIVIDADES



1. Conforme vimos nesta aula, o termo “crítica” assume uma importância crucial para o profissional de Letras nos dias de hoje, à medida que este precisa desenvolver uma pedagogia caracterizada como tal. O que, grosso modo, caracteriza essa pedagogia crítica? Quais as perspectivas a ela subjacentes?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como bom entendedor que é, você já deve ter atentado para o fato de que a resposta está intimamente atrelada às das questões tratadas no nosso **Momento de Reflexão**, principalmente a segunda. Muito bem, você está certo! O termo “crítica” confere ao profissional da área de Letras a responsabilidade de pensar e atuar de uma maneira mais reflexiva, menos apegada aos ditames impostos por um ensino opressor. Nesse sentido, é claro que devemos entender “crítico”, aqui, em toda a sua plenitude, como uma alavanca a impulsionar novas formas de ensino-aprendizagem de língua, de vivência em sala de aula, de militância de professor e, sobretudo, de relacionamento saudável e menos discriminador entre aprendizes e condutores da aprendizagem.

## ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP foi elaborado pelo psicólogo Vygotsky para definir a /distância entre o nível de desenvolvimento real (capacidade que a criança tem para resolução de um problema sem a ajuda do outro) e o nível de desenvolvimento potencial (resolução de um problema sob a ajuda de um adulto ou com a colaboração de outro companheiro).

A ZDP, quase sempre, é avaliada como um dos níveis de desenvolvimento, no entanto, sabemos que ela representa um campo intermediário do processo de desenvolvimento. Como o desenvolvimento potencial se configura como um enigma, como algo a ser atingido, Vygotsky postula sua identificação através do entendimento da ZDP. Valendo-se da idéia de que o desenvolvimento real consiste naquilo que o indivíduo já consolidou autonomamente, o autor acredita que o desenvolvimento potencial pode ser identificado a partir daquilo que o indivíduo realiza ajudado por outrem. Nesse sentido, a ZDP aponta os índices de desenvolvimento potencial, de modo a permitir que os processos educativos atuem sistemática e individualmente.

## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, discutiremos algumas das principais contribuições da LA ao ensino de língua materna, destacando os nortes que regem essa prática pedagógica em terras brasileiras.



## AUTO-AVALIAÇÃO

E aí? Você gostou da aula? Se pudesse quantificar, qual seria o seu percentual de aprendizagem em relação ao conteúdo estudado? 10%? 40%? 60%? 100%? Avalie!!! Dica: tente fazer ao menos 2 perguntas sobre cada seção tratada e, em seguida, procure respondê-las. Se a dúvida pairar, reveja o conteúdo lido e reavalie a questão. Se, ainda assim, a dúvida insistir, que tal procurar o tutor da disciplina?! Saiba que ele é seu amigo e estará sempre disposto a ajudar você e todos os seus colegas.



## REFERÊNCIAS

- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical language awareness**. London: Longman, 1992.
- GALLIMORE, Ronald; THARP, Roland. **O pensamento educativo na sociedade: ensino, escolarização e discurso escrito**. In: L. C. MOLL (org.). *Vigotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MARCUSCHI, L. Antônio. **Formação em letras e pesquisa em linguagem** (Introdução). In: MOLLICA, M. Cecília (org.). **Formação em letras e pesquisa em linguagem**. Rio de Janeiro: Faculdade Letras UFRJ, 2004.
- MOLLICA, M. Cecília. **Sobre alguns conhecimentos indispensáveis para a formação em linguagem**. In: *Formação em letras e pesquisa em linguagem*. Rio de Janeiro: Faculdade Letras UFRJ, 2004.
- OLIVEIRA, V.M. Kamel. **Ensino médio: algumas reflexões em torno dos parâmetros curriculares nacionais para a elaboração de um novo currículo**. In: **Revista do Grupo de Estudo Lingüísticos do Nordeste**. João Pessoa: Idéia, 2005. pp. 127 – 140. Vol. 7 / N° 2.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.
- Endereço eletrônico:  
<http://pt.wikipedia.org>